ANO 2.º LISBOA--QUARTA-FEIRA, 12 DE ABRIL DE 1922 N.º 313

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 115

A PROPOSITO das dificuldades que se levantam para conseguir o regresso a Portugal dos voluntarios portugueses em Marrocos recebemos a carta que segue:

«Continuam a vir até nós os pedidos aflitos de familias de soldados voluntarios, que foram alistar-se na legião estrangeira de Marrocos. São quasi todos crianças que levados pela inexperiencia e entusiasmo dos poucos anos julgaram ir cumprir um belo destino, pondo-se ao serviço da Espanha. Infelizmente foi amarga a sua desilusão e muitos se queixam do que têm sofrido, desejando voltar á Patria!...

Nós, como da 1.ª vez que a v. nos dirigimos, encontramos um tão grande auxilio que os voluntarios foram restituidos ás suas familias, unicamente pelo auxilio moral que v. nos deu, vimos de novo implorar boa vontade no sentido de se reclamar a volta de mais um pobre rapaz, menor, por quem o pai, muito tem sofrido, na impotencia de ser atendido por quem de direito o devia fazer...

Pedimos a v. todo o auxilio para esta obra, de piedade e de justiça, e que na imprensa confia para ser atendida.

Com a maior consideração—*Ana de Castro Osorio*».

* * *

SEGUE ámanhã para Evora o deputado sr. Manuel Fragoso que aproveitará a sua estada de alguns dias naquela cidade para solucionar a questão politica suscitada entre as comissões do seu partido e o chefe do distrito.

* * *

O CHEFE do governo está trabalhando na reorganização da policia de segurança do Estado que será formada em bases diferentes das que até agora têm sido adoptadas. Essa policia passará a ser de simples informação, não lhe cabendo efectuar buscas nem prisões.

* * *

O *Diario de Lisboa* publicará ámanhã uma entrevista com o sr. dr. Ramada Curto, a proposito da sua peça *Os Tenorios*, ontem representada pela primeira vez no teatro Nacional.

* * *

CONSTA que assim que reabra o Parlamento será interpelado o sr. ministro da instrucção ácerca do criterio por s. ex.ª adoptado na nomeação de reitores para alguns liceus.

* * *

CONSTA que a Associação das Sciencias Medicas ou a Faculdade de Medicina promoverão brevemente uma sessão de homenagem á memoria do notavel psiquiatra dr. Julio de Matos.

* * *

O SR. dr. Jaime de Morais, governador geral da India, desgostoso com o insucesso das candidaturas dos seus correligionarios por aquele circulo, vai enviar ao governo o seu pedido de demissão.

* * *

PARTE ámanhã para Coimbra o sr. dr. José Domingues dos Santos. O director de «A Tribuna» trocou impressões com alguns membros do directorio do P. R. P. ácerca da sua atitude para com o governo, atitude que explicará no congresso daquele partido.

* * *

FOI prorogado por mais dois anos o praso de validade das zonas de pesca para cercos a vapor e a remos na costa da Galé.

MORALIDADE!

Numa entrevista que o sr. Afonso de Macedo concedeu ontem a um redactor do nosso jornal afirma-se que na Exploração do Porto de Lisboa se cometeram graves irregularidades que a esta hora estão sendo apuradas pela investigação criminal.

Das declarações do inspector geral daquele organismo, consta que alguns funcionarios superiores prevaricaram no desempenho das suas funções. Destacamos esta afirmação categorica:

«Os roubos consistem em recibos falsificados e contas ilegalmente pagas, de mercadorias que não chegaram a entrar na Exploração».

Não haverá, certamente, uma unica pessoa que deixe de reconhecer a este caso uma extraordinaria gravidade, já pela categoria das pessoas que se dizem com responsabilidades no desfalque, já pela repetição destes factos, que não abonam a honestidade de certos ramos da administração publica.

Não se trata apenas duma suspeita; é um assunto averiguado. O sr. ministro do Comercio tomou já providencias, no sentido de se proceder a um inquerito rigoroso.

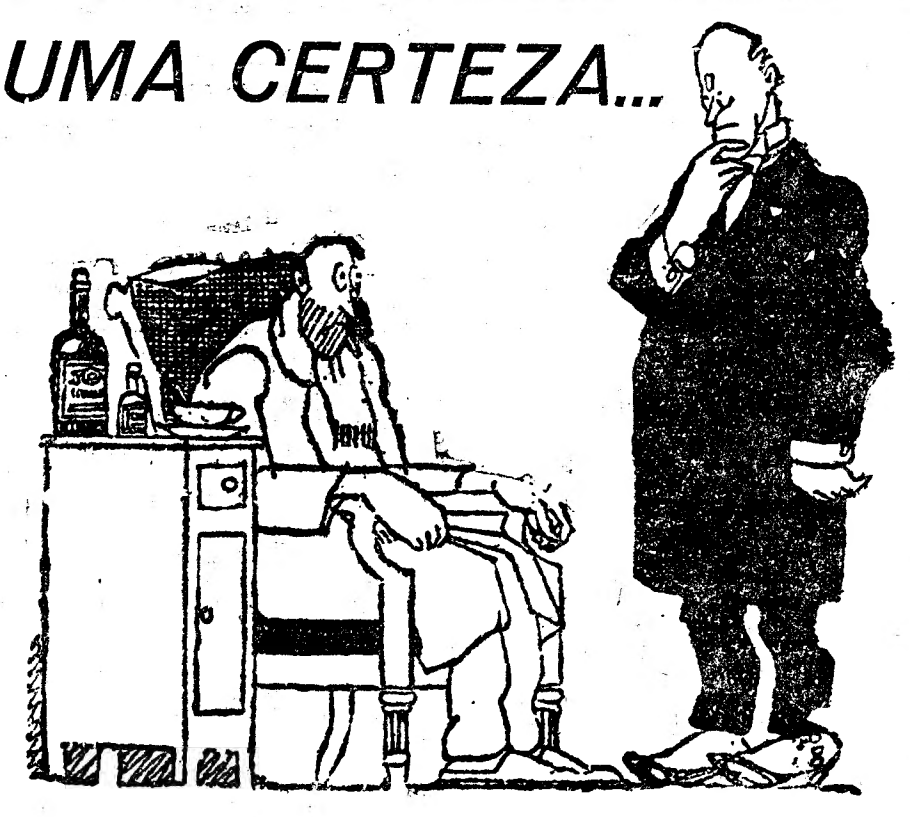
Infelizmente, as irregularidades que agora se descobriram na Exploração do Porto de Lisboa não constituem um caso novo. A moralidade da administração publica no nosso país já tem sido posta á prova por mais duma vez. E hemos de reconhecer, com infinita magua, que as conclusões não têm sido, por vezes, lisongeiras para aqueles que têm o dever de seguir uma linha de conduta absolutamente honesta, no desempenho das funções que o Estado lhes conferiu.

A investigação criminal já tomou conta do caso. Mas não basta averiguar, não basta pôr o dedo na ferida, é necessario cauterizar a chaga de uma vez para sempre—para que ela não possa alastrar rapidamente e a terapeutica se torne improficua, quando o doente se deixe levar até á ultima fase da doença.

Factos desta natureza, como o que se descobriu na Exploração do Porto de Lisboa, necessitam de um remedio energico, a bem da moralidade e dos bons costumes, que devem ser o timbre da nossa administração publica. Se ha ensejo para a justiça se mostrar em toda a sua beleza, afiada como uma lamina de Toledo—para cortar o mal pela raiz—iluminem-se os escaninhos onde os vermes insaciaveis sugam o dinheiro que lhes não pertence, e faça-se luz, a mais ampla, a mais clara, a mais purificadora.

Castiguem-se os que merecerem castigo, rigorosamente; implacavelmente.

E' necessario que se dê um alto exemplo de Justiça. Só assim nos poderemos redimir de muitos males que entraram já na circulação deste organismo depauperado e microbiano, que se chama a administração publica, e que tem a virulencia de certos bacilos que estão em optimas relações com Dona Morte.—*X*.



—Que doença tenho, doutor?
—Posso assegurar-lhe que ainda não sei... mas a autopsia nos dirá...

EM Brest foram condenados a prisão, com-dimentada com pesadas multas, três detentores de cocaina. Entre nós, clandestinamente como em França, faz-se larga venda do terrivel alcaloide. Simplesmente, ninguem se preocupa com isso, porque em Portugal poucos são os que se prendem com a saude do proximo.

A cocaina é vendida pelo preço do ouro e o numero dos seus favoritos aumenta, talvez pela necessidade que quasi todos sentem de sonhar. De quando em quando, se um ou outro caso mais escandaloso surge, os jornais verberam o procedimento das autoridades—e tudo continúa como dantes.

Bem sabemos que não pode pôr-se cobro ao uso da cocaina—pela simples razão de que é defeso. Mas não seria dificil reduzi-lo ao minimo se, como em Brest, os tribunais condenassem sem contemplações os que negociam com ela.

* * *

VISITOU-NOS ontem o tenente-coronel sr. Fernando Freiria, director geral dos transportes terrestres, que veiu agradecer ao *Diario de Lisboa* a correcção e imparcialidade que manteve no conflito da Carris.

* * *

COMO se sabe, o capitão-tenente sr. Correia da Silva, governador de Macau, pediu licença para vir á metropole, que lhe foi concedida, dizendo-se que é provavel que não volte a ocupar aquele cargo, citando-se já varios nomes para o substituir, entre eles o do deputado sr. capitão Velhinho Correia.

* * *

DIZEM-NOS que o sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação, descobriu a existencia de uma roleta que ha muito tempo funcionava—ao que parece de dia—no predio onde reside!

* * *

A comissão administrativa dos Caminhos de Ferro do Estado está tratando da organização dos nossos quadros dos serviços de sanidade.

* * *

O sr. dr. Manuel José da Silva, antigo deputado, esteve hoje nos nossos escritorios, saudando o *Diario de Lisboa*, pelo seu primeiro aniversario.

* * *

O sr. ministro da instrução visitou hoje, pelas 16 horas, o Liceu Camões, onde foi agradecer o convite que o reitor daquele estabelecimento de ensino lhe havia feito para assistir á sessão de homenagem aos herois do «9 de Abril».

* * *

NO ministerio da Agricultura, ao contrario do que tem sido determinado nos anos transactos, não haverá tolerancia de ponto durante a semana santa.

* * *

LARGA ámanhã para Alger, a fim de assistir á revista naval que se realiza ali em honra do Presidente da Republica Francesa, o cruzador «Carvalho Araujo».

* * *

FORAM criados dois lugares de professores na escola de Estarreja e na antiga escola masculina de Oeiras.

7 DE ABRIL

O aniversario do "Diario de Lisboa"

Transcrevem-se as palavras que nos foram dirigidas pela imprensa portuguesa a proposito do nosso 1.º aniversario

Não queremos deixar de arquivar nas colunas do Diario de Lisboa *as muitas e penhorantes provas de simpatia que nos foram endereçadas, por motivo do nosso aniversario. Não o fazemos por um sentimento de vaidade, embora nos mostremos profundamente comovidos com as carinhosas palavras que a quasi unanimidade da imprensa portuguesa nos dedicou. Para todos os colegas que se referiram ao aniversario do* Diario de Lisboa *e para as pessoas que nos manifestaram a sua simpatia vai o nosso profundo reconhecimento.*

Na impossibilidade de citar todos os nomes e prevendo qualquer omissão involuntaria, abrangemos a todos no mesmo abraço de gratidão e de amizade. Assim, na lista das pessoas que têm colaborado no Diario de Lisboa, *esqueceu-nos citar o nome do velho e distintissimo jornalista João Franco Monteiro, que ao nosso jornal tem dado já interessante colaboração. Dentre as muitas pessoas que nos cumprimentaram, destacamos os nomes dos srs. José de Vasconcelos, José Monteiro Guerreiro, Camilo Rodrigues e Afonso de Macedo.*

Transcrevemos as amaveis palavras que os nossos prezados colegas nos dirigiram, por ocasião do aniversario do Diario de Lisboa, *pedindo desculpa, se, involuntariamente, nos esquecermos de citar qualquer referencia que não tenha chegado ao nosso conhecimento:*

Do *Diario de Noticias:*

«Diario de Lisboa»

Tambem celebrou o seu primeiro aniversario o nosso ilustre colega *Diario de Lisboa*, a cujo director, o distinto jornalista sr. dr. Joaquim Manso, e a cujo corpo redactorial apresentamos as nossas felicitações.

O *Diario de Lisboa* comemorou esse facto com um bodo aos pobres, que foi distribuido no jardim de inverno do teatro de S. Luís pelas festejadas actrizes Auzenda de Oliveira, Aldina de Sousa e outras suas colegas; e á noite com um banquete no Café Restaurant Tavares, a que assistiram cêrca de 40 convivas, entre os quais figuravam representantes de todas as secções daquela folha e redactores de outros jornais. Foi em nome destes que o nosso camarada de redacção tenente-coronel sr. Cristovão Aires ergueu um brinde ao sr. dr. Joaquim Manso e aos seus cooperadores. Tambem usaram da palavra os srs. Sá Pereira, Norberto de Araujo, Joshua Benoliel, Sarmento Duque, José de Bragança, Artur Portela, Miguel Martins, e Acurcio Pereira, que, em nome do *Diario de Noticias*, do sr. dr. Augusto de Castro e no seu, felicitou o sr. dr. Joaquim Manso, afirmando-lhe os seus sentimentos de camaradagem.

O ilustre director do *Diario de Lisboa* agradeceu todos os entusiasticos brindes, dizendo quanto era grata ao seu espirito aquela festa e como se orgulhava do esfôrço que tem realizado para, com os seus colaboradores, trazer á publicidade o jornal a cuja frente se encontra.

O tenente-coronel sr. Cristovão Aires ainda brindou, no meio de calorosos aplausos, aos intrepidos aviadores portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho, a quem, por proposta do sr. Pedro Bordalo Pinheiro, foi enviado um telegrama de saudação.

Do *Seculo*

Imprensa

Passou ontem o primeiro aniversario do nosso colega da tarde *Diario de Lisboa*, que comemorou essa data oferecendo um bodo no teatro S. Luís a perto de 1.000 pobres e realizando um banquete no café Tavares, para o qual foram gentilmente convidados redactores de outros jornais, incluindo *O Seculo*. Presidiu o sr. dr. Joaquim Manso, trocando-se brindes muito efectuosos.

De *A Manhã*

«Diario de Lisboa»

Passa hoje o primeiro aniversario do nosso colega *Diario de Lisboa* que, por esse motivo, solenizando o facto, distribue ás 17 horas, no teatro S. Luís, esmolas a cêrca de mil pobres e lançará esta noite nas ruas um numero especialmente elaborado com luzida e variada colaboração. O *Diario de Lisboa*, que conquistou rapidamente a reputação de jornal bem feito, é um orgão da imprensa de Lisboa que mais distintamente a inalteca, mercê da sua cuidada factura e da sua scintilante vivacidade, a que por vezes não falta o *quantum satis* de um certo picante. Temos muita satisfação em lhe endereçar estas palavras, que não são de lisonja mas de justiça, ao mesmo tempo que ao sr. dr. Joaquim Manso, ilustre director do *Diario de Lisboa*, enviamos, pelo aniversario que hoje passa, as nossas felicitações.

De *A Epoca*:

Imprensa

—Tambem o *Diario de Lisboa* fez ontem um ano.

Na simpatia que o publico lhe tributa, simpatia que torna o *Diario de Lisboa* quasi indispensavel aos espiritos ávidos de sensações novas, tem o nosso joven e scintilante colega o seu maior elogio.

E' costume dizer-se que cada jornal tem um publico especial. Pois o publico especial do *Diario de Lisboa* é... o publico em geral, o que representa sempre um estimulo grande a uma tiragem maior...

A' pleiade brilhante de jornalistas que compõem a direcção e a redacção do *Diario de Lisboa* enviamos um afectuoso abraço.

De *A Vitoria*:

«Diario de Lisboa»

O nosso prezado colega *Diario de Lisboa* comemora hoje o seu primeiro aniversario. Jornal moderno na mais ampla acepção do termo, ele tem tido uma influencia benefica na grande imprensa do nosso país, compelindo-o a pôr de parte processos de trabalho de ha muito banalizado. Bem ganhou o *Diario de Lisboa* o seu primeiro ano e daqui enviamos á sua redacção e ao seu director, o sr. dr. Joaquim Manso, as mais fraternas saudações.

O nosso prezado colega, comemorando o seu primeiro aniversario, publica hoje um numero especial de 16 paginas, com escolhida colaboração, em que figuram alguns dos melhores nomes da nossa literatura de jornal.

De *O Rebate:*

Imprensa

Completou ontem o primeiro aniversario de publicação o nosso confrade *Diario de Lisboa*, a quem felicitamos, desejando-lhe longa vida.

De *A Patria*:

«Diario de Lisboa»

Entra hoje no seu segundo ano de publicação o nosso prezado colega *Diario de Lisboa*, que é hoje o mais querido e o mais lido dos jornais lisboetas da tarde. Congratulamo-nos com o facto e, tomando parte no justificado jubilo de quantos nele trabalham sob a direcção do nosso velho amigo sr. dr. Joaquim Manso que comnosco, durante um ano, deu á *Patria* uma brilhante e devotada colaboração, aqui consignamos os nossos cordeais votos pela continuação dos suas prosperidades.

«Diario de Lisboa»

O nosso prezado colega *Diario de Lisboa*, a cujo aniversario já ontem nos referimos com a amizade e a consideração que nos merecem o seu director, sr. dr. Joaquim Manso, e os nossos camaradas que com ele trabalham, publicou ontem um numero de 16 paginas com excelente colaboração.

Mais uma vez nos associamos ao seu justificado jubilo.

Raras vezes, efectivamente, um jornal conquista tão rapida e efectivamente o favor do publico como o *Diario de Lisboa* o conseguiu.

De *O Mundo:*

«Diario de Lisboa»

Entra hoje no seu segundo ano de publicação este nosso prezado colega. Dirigido por um distinto homem de letras e colaborado por alguns dos nomes que mais se têm distinguido no jornalismo moderno, o *Diario de Lisboa* marcou na imprensa portuguesa o seu logar desde os primeiros numeros. Desejamos-lhe longa vida.

De *O Correio da Manhã:*

«Diario de Lisboa»

Fez ante-ontem um ano, no mesmo dia em que apareceu o primeiro numero do *Correio da Manhã*, surgia tambem para a publicidade o *Diario de Lisboa*, destinado a crear-se uma individualidade entre a nossa imprensa e a constituir um brilhante exito jornalistico.

Ao nosso colega, os melhores cumprimentos pelo seu aniversario.

De *A Republica:*

Jornais

Passou ante-ontem o primeiro aniversario de o *Diario de Lisboa*.

O *Diario*, inteligentemente colaborado, apresentou-se de inicio tão belo e atraente-

Aguardando o momento da distribuição das esmolas

mente feito que logo conquistou a primazia do publico.

Para o seu director e para quantos ali trabalham as nossas mais entusiasticas felicitações.

De *O Jornal do Comercio*

«Diario de Lisboa»

Passa hoje o primeiro aniversario do nosso prezado e distinto colega *Diario de Lisboa*, uma das folhas lisbonenses de mais cuidada redacção. Comemorando essa primeira e bem auspiciosa *étape* da sua existencia, o nosso ilustre colega faz distribuir, no jardim de inverno do teatro S. Luís, pelas 5 horas da tarde, um bodo aos pobres, constando de donativos em dinheiro.

A' distribuição prestam o seu concurso algumas actrizes da companhia Armando de Vasconcelos, e a banda de infantaria 1, por amavel concessão do sr. ministro da guerra, executará um programa escolhido.

Ao nosso prezado camarada enviamos as mais sinceras felicitações pelo dia de hoje.

De *O Seculo* (edição da noite):

Imprensa

Está hoje em festa a redacção do *Diario de Lisboa*, comemorando o seu primeiro aniversario. Felicitamo-lo efusivamente, na pessoa do seu ilustre director, o distincto jornalista dr. Joaquim Manso. O *Diario de Lisboa*, desde o dia do seu aparecimento, tem sabido impôr-se como um dos mais interessantes diarios que se têm publicado no nosso país.

De *A Monarquia*:

«Imprensa»

Completa hoje um ano de existencia o nosso colega *Diario de Lisboa*.

Quer jornalistica, quer graficamente, este jornal conseguiu tornar-se o mais moderno possivel, organisando como nenhum a sua reportagem politica e de interesse geral, e dando a todas as suas linhas um brilho literario invulgar na nossa imprensa.

Ao *Diario de Lisboa*, com os nossos cumprimentos, o desejo de que assim continue por muitos anos e bons.

De *O Dia*.

«Diario de Lisboa»

Os nossos cumprimentos a este colega pelo seu aniversario de hoje, que foi festejado com um bodo aos pobres e outras demonstrações de regosijo dos seus amigos. E com esses cumprimentos, votos de longa e prospera vida.

De *A Vanguarda:*

Imprensa

Hoje o primeiro aniversario do nosso prezado colega *Diario de Lisboa*.

Por esse motivo cumprimentamos o seu director, nosso amigo sr. dr. Joaquim Manso bem como a todos os seus redactores.

De *A Lucta*

«Diario de Lisboa»

O nosso colega *Diario de Lisboa* festeja hoje o seu primeiro aniversario. E' caso para felicitações, mas melhores cumprimentos merece ainda o modo como entendeu festejá-lo. Efectivamente, o *Diario de Lisboa* distribuiu hoje esmolas a cêrca de mil pobres, encontrando assim a maneira mais certa de obter sinceros votos pela continuação das suas prosperidades.

De *O Primeiro de Janeiro* (Porto):

«Diario de Lisboa»

Entrou no seu segundo ano de publicidade este nosso colega, que logo a principio marcou um logar de relevo no jornalismo português, acentuando-se cada dia mais pela feição imparcial com que aprecia todos os assuntos, comentando-os, ás vezes, com uma nota levemente espirituosa, que nem irrita nem melindra as pessoas ou entidades visadas.

Além disso prima pelos seus informes, sempre exactos e alheios a impressionar a opinião. Por isso o felicitamos e cumprimentamos.

De *O Jornal de Noticias* (Porto):

«Diario de Lisboa»

Este nosso ilustre colega, um dos jornais que na imprensa da capital ocupa justamente um logar de destaque, celebrou na quinta-feira o seu primeiro aniversario, pelo que lhe enviamos os nossos votos pelo seu prospero futuro.

De *O Diario do Minho* (Braga):

«Diario de Lisboa»

Passou ante-ontem o primeiro aniversari deste nosso prezado colega da capital.

Felicitamo lo.

E, ao faze-lo, não obedecemos apenas a uma praxe de banal cortezia, mas a um sentimento de inteira justiça.

O *Diario de Lisboa* tem conquistado, a dentro da Imprensa portuguesa, um grande logar. E ocupa-o com honra, sem hesitações nem banalidades.

Podemos muitas vezes estar em desacordo quanto á sua orientação, mas agrada-nos sobremodo a sua *apresentação* artistica,—o brilho de algumas secções que criou.

Folgamos em ter ocasião de lho dizer.

Comemorando o seu primeiro aniversario, publicou um numero explendido

Com os nossos votos de longa vida, enviamos-lhe as mais sinceras saudações.

De *A Restauração* (Coimbra):

«Diario de Lisboa»

Festejou tambem o seu aniversario este nosso colega, correcto inimigo politico, muito bem escrito sob a direcção do sr. dr. Joaquim Manso. Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Nacional Telef. N. 2049
HOJE—Ás 21 horas
Segunda representação da peça, em 5 actos, original do dr. RAMADA CURTO
OS TENORIOS
Magnifico conjunto de desempenho—Encenação de Augusto de Melo—Scenario de Campos & Oliveira
BRILHANTE SUCESSO

FOZ Sempre, ás 20,45 e ás 22,30 prefixas :
Empreza Artur Emaus
Companhia Otelo de Carvalho
A melhor revista em sessões
GIGA-JOGA
4 numeros novos sensacionais
Segunda-feira, 17—Festa de MARTINS DOS SANTOS

A pedido AVENIDA A pedido
O TOUREADOR
GRANDE SUCESSO
BREVEMENTE
Perola Negra
em festa artistica de LUISA SATANELA

Sabem qual é o numero telefonico do EDEN-TEATRO?
NORTE 3800
por ele podem pedir a marcação de bilhetes para ver a revista que até hoje se tem apresentado mais bem montada
TALISMAN

CORDEIRO FERREIRA
Doenças das creanças
Praça Luis de Camões, 36, 1.º
Telefone, Norte 818—Consultas ás 4 horas

Descaminho de herança

Consta-nos que os tribunais de investigação e orfanologico da nossa capital se entregam há dias a porfiadas diligencias para o descobrimento dum espolio computado em muitas centenas de contos e deixado por um capitalista octogenario que era muito conhecido no meio bolsista da nossa praça.

Parece que uns amores senis do falecido facilitaram o criminoso desvio, que compromete não só a vontade expressa por este num testamento, mas a legitima de dois netos que deixou, um dos quais ainda sob a jurisdição orfanologica.

O mais curioso é que a maldade da politica já se imiscuiu no caso, ao que consta, e as diligencias que necessariamente haviam de conduzir á detenção dos arguidos estão a ponto de se interromperem, com gaudio daqueles e não obstante os elementos concernentes de crime que hora a hora se acumulam.

Vamos averiguar melhor dos ecos que nos chegam e ocupar-nos-hemos mais detidamente do assunto.

DR. MARIO DE OLIVEIRA
Ouvidos, nariz e garganta
ROCIO, 59, 1.º-Consultas das 3 ás 5

EPISTOLARIO

Camilo Castelo Branco

ESCREVE UMA PEQUENA CARTA AO POETA LUIZ PALMEIRIM

agradecendo as felicitações por ter sido agraciado com o titulo de visconde

Na carta, que hoje se publica, agradece Camilo as felicitações que Palmeirim lhe dirigiu, evidentemente por aquele ilustre escritor ter sido agraciado com o titulo de visconde, pois a carta tem a data de 3 de julho de 1885 e foi a 22 do mês anterior que o *Diario do Governo* publicou a mercê.

A frase «Tu e o Julio Machado afinam no caso pelo mesmo diapasão» demonstra, sem duvida, que os dois escritores citados se encontraram nas palavras de felicitação; mas que palavras seriam essas que mereceram o reparo, muito embora agradecido, do insigne romancista?

Possivelmente, foram dizer-lhe que o titulo o não acrescentaria em honras.

Sabemos que Palmeirim não levou a bem que Camilo trocasse o seu tão grande nome nas letras por um facil titulo honorifico, e podemos felizmente documentar esta asserção.

Cêrca de três anos depois, no dia 16 de março de 1889, em que Camilo completou 64 anos—e não 63, como na ocasião se afirmou—um jornal de Lisboa, *O Imparcial*, dedicou-lhe um numero especial, hoje raro (n.º 989, do 4.º ano), que foi colaborado por grande numero de escritores. Aí vem publicada a seguinte carta de Palmeirim:

«*Meu caro Camillo*

Os anniversarios natalicios dos inuteis, *bichos incognitos a Lineu* como lhes chamava Castilho, passam festejados em familia por um prato de arroz dôce, e um copo de vinho do Porto, baptisado em Villa Nova de Gaya. Os anniversarios dos homens illustres, como tu, celebra-os a Nação, que se honra de lhes chamar seus, emquanto a posteridade lhes não consagra as memorias. D'esta segunda gratidão nacional, confio em Deus, que sejas ainda preservado por largos annos e bons, como dizem os fechos das cartas dos marçanos ausentes, que escrevem á familia.

Desculpa-me, meu caro Camilo, o não te chamar visconde. Apesar do caso, pouco provavel, de haver quem não tenha lido os teus belos livros, receei ainda assim que te confundissem com a turba-multa dos nobilitados que julgam com o titulo, terem tirado passaporte limpo para a consideração publica.

Lisboa, março, 16.

Sou teu velho amigo
L. A. Palmeirim»

E' deveras interessante o que ácêrca deste escritor e de titulos honorificos escreveu o genial romancista, ao fazer a critica do livro *Galeria de figuras portuguesas* (*Narcoticos*, vol. 2.º, pag. 49 a 58):

«O eminente observador (Palmeirim) continuou as chufas de Almeida Garrett aos barões, nas *Viagens na minha terra*. Garrett morreu visconde para expiar; porque dizem os livros sagrados: «não chamarás *raca* a teu irmão». *Raca* entre os essenios no dialecto arimeu, de procedencia semitica, correspondia a *barão;* outros orientalistas um pouco mais sabios que eu dizem que *raca* é asno.

Servem ao caso ambas as interpretações. Continuou Palmeirim tambem a satira aos titulares de Manuel Roussado. Ora Roussado, aquele jovialissimo espirito, levou a chalaça dos barões até se fazer barão a valer. Eles, os chacoteados, diziam: «Estão verdes...» E vai o folhetinista das convulsas risadas cingiu na fronte a corôa ferrea dos solarengos da idade média, para humilhar os colegas que lhe escouceavam a sombra.

Não vão imaginar que eu esteja daqui saudando o futuro *visconde de Palmeirim* com um sorriso ironico. Deixo aos viscondes esse desdenhoso tregeito de profetica vingança».

Falhou a profecia, se acaso se produziu o significativo tregeito a que Camilo se refere.

Julio Palmeirim

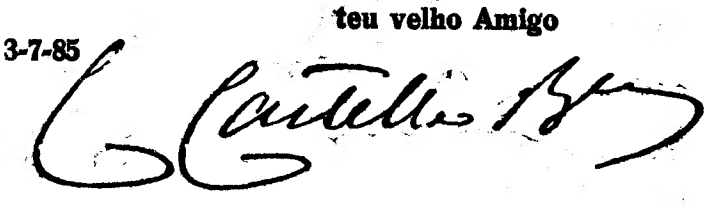
Meu bom Luiz Palmeirim

Obrigado pelas tuas felicitações, pelas palavras Amigas que me envias.

Tu e o Julio Machado afinam no caso pelo mesmo diapasão.

Abraça-te o teu velho Amigo

3-7-85



TITULOS E COUPONS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS
COUPONS Brasileiros, Argentinos e Chilenos
Compram desde já aos melhores preços
Pancada, Morais & C.ª
Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

APOLO Telef. N. 4129
SEMPRE TRIUNFANTE
BELO SEXO
Enchentes todas as noites
Aplausos entusiasticos

TEATRO CHIADO TERRASSE
HOJE Recita em beneficio do «Lactario de S. José» HOJE
A PEDIDO A FARÇA DE GRANDE EXITO
O ilustre governador
Sabado, 15—7.ª recita de assinatura e despedida da companhia. O original português «Aspectos»

POLITEAMA
Ás 21,30 Telef. N. 3028
Ultima representação extraordinaria da peça de grande exito
A CASACA ENCARNADA
Interpretação soberbissima de Lucilia Simões, Judice Carneiro, Erico Braga e Ribeiro Lopes
Sabado, 15—Recita de homenagem a Lucilia Simões—1.ª representação da peça de Kistemaeckers
MULHER QUE PASSA
(La Passante)

COLISEU DOS RECREIOS
SABADO, 15, ás 21 horas
Inicio do Grande Campeonato de Luta
Os melhores lutadores do mundo
Domingo—Ás 15 (ás 3 horas da tarde)
Grandioso Concerto Sinfonico
dirigido pelo ilustre maestro RUY COELHO

Charlot, no Condes

Uma nova estreia do impagavel comico

Charlot chefe de familia é o titulo de uma admiravel comedia em 2 actos, do impagavel comico, que hoje se estreia no Condes. A estreia de ontem, *A verdade vence*, que hoje se repete, constitue uma soberba evocação dos velhos tempos de Roma, sendo verdadeiramente digna de nota a sua luxuosa montagem scenica e o seu desempenho, em que tanto sobressae a ilustre artista Mia May, protagonista dos *Misterios do Oriente*. Tambem hoje se repete a bela comedia em 5 partes *A nova rica*.

Concertos Sinfonicos no Coliseu

No proximo domingo, ás 15 horas, realiza-se no Coliseu dos Recreios um concerto sinfonico, que despertará entre todo o publico português o maior entusiasmo, por ser nele apresentada a ultima obra sinfonica do maestro Ruy Coelho, o poema heroico «Nun'Alvares», que o autor dedicou «A' Gloria dos Novos Cavaleiros da Aventura, Cabral e Coutinho». A orquestra é composta dos melhores professores das orquéstras sinfonicas de Lisboa e dirigida pelo compositor Ruy Coelho, sendo a execução das obras no centro da sala de espectaculos.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

ARTIGOS E INFORMACÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Silencio falado...

A's 17 horas prefixas do domingo que passou, quando os tiros de canhão anunciavam os dois minutos de recolhimento pelos herois gloriosamente mortos na Flandres e em Africa, discutia-se com um calor de trinta e dois graus á sombra a politica nacional, em certo estabelecimento onde se cortam melenas e escanhoam queixos.

Um dos oficiais, ao ouvir as salvas, paralisou na posição em que estava—a de acertar as patilhas ao freguês. Outro poz-se em sentido com o ferro de frisar. Mas o da ponta, que é filiado em quarenta e cinco centros politicos e tem entrado em duzentas revoluções, continuou afirmando em grande grita que o sr. José Domingues dos Santos não devia suceder ao sr. Antonio Maria da Silva.

O freguês, outro politicão, berrava que sim e mais que tambem, com um despreso enorme pela solemnidade da homenagem.

De pé, em frente dum dos espelhos, com meia barba feita e montanhas de sabão no rosto, um sujeito calvo apostrofou:

—Calem-se!

—Calo-me porquê?!—ribombou o partidario do sr. José Domingues.

—Porque é a hora do silencio, seu alarve!

—Você imagina que eu tenho horas para falar ou estar calado, seu urso! Eu falo quando me apetece, percebeu? E bem alto e bem claro! Aqui e em toda a parte, fique sabendo. A mim ninguem me manda calar!

Outro freguês interveio, pacificador:

—Mas é que o meu amigo talvez não saiba...

—Sei, sim senhor! Sei que a delicadeza está pela hora da morte. Já nem sequer cada um pode dizer, quando quere, o que lhe apetece. Mandar-me calar! A mim! Se calhar aquele cavalheiro é dos que não podem vêr os democraticos. Pois há de ser o José Domingues, já lhe disse!

Os dois minutos que o sentimento nacional quizera de silencio tinham passado. Mais uma vez o cavalheiro pacifico se intrometeu na zaragata:

— O meu amigo não sabe que é hoje o quarto aniversario de 9 de Abril e que toda a cidade resolveu manter dois minutos de silencio em sinal de respeito?

O homensinho caiu em si, mas não se magoou. Dando o braço a torcer como quem não quere a coisa, fez esta declaração:

— Bem! Não vale zangar. Para o quinto aniversario farei o sacrificio de estar calado quatro minutos. Mas deixe-me dizer-lhe que não concordo muito com esta piada do silencio. De que serve fazer manifestações que ninguem ouve?

Sarmento Duque

Conselho de ministros

A arborização do país e a administração publica

O conselho de ministros, que hoje se reuniu na secretaria do Interior, desde a 10,30 até ás 14 horas, forneceu á imprensa a seguinte nota:

«O conselho de ministros na sua reunião de hoje aprovou uma proposta de lei do sr. ministro da Agricultura, relativa ao desenvolvimento dos serviços de arborização de serras e dunas e da hidraulica florestal, ocupando-se depois de assuntos pendentes que interessam a administração publica.»

CAMBIOS

DIA 12

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	58$000	60$000
Londres, cheque	4 3|8	4 5|16
» 90 d. v.	4 1|2	—
Rio Londres	7 15|32	—
Paris	1$145	1$162
Italia	$666	$676
Bélgica	1$060	1$075
Suiça	2$413	2$477
Espanha	1$924	1$956
Berlim	$042	$046
Holanda	4$706	4$766
Nova York	12$428	12$614
Austria	1	3
T. Dese. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1$100	1$200

A ZONA NEGRA DE LISBOA

Mouraria e Alfama

MISERIA E TREVAS

Um pedaço da alma do povo, que em estilo pobre se cola a estas duas colunas

Limpar a cidade... Eis uma reclamação que o cidadão invariavelmente pacato, que nunca marcou na sua vida quartos de hora de esturdia, usa formular com frequencia. Porém, os senhores sabem o que é Lisboa? — a zona negra da crasta, que já nos facilitou um artigo de literatura pobre, mas que merece a tinta de boas penas, a alma de quem saiba viver as miserias que não tem. Pois nós mal a conheciamos — antes, não a conheciamos. E só na madrugada de hoje, após uma noite de vagabundagem policial, a que fomos associados pela gentileza do tenente Pio e dos alferes Lopes Soares e José Carlos, obtivemos conhecimento proprio das chapadas de lama, dos bairros pantanosos, que os seculos enfileiraram com os *quartiers* aristocraticos, com os parques de arvores frondosas, que dão saude a gentes que teem de trabalhar enfermidades no espirito, para que lhes sejam possiveis os bocados amargos que a vida não dispensa.

* * *

Vielas, becos, trilhos que não chegam a medir meio metro de largura. Quem as visite, tem de marchar a um defundo. Ali, é tudo negro, a não ser que o luar — como sucede agora, no prefacio de primavera que estamos soletrando — inunde aquilo de uma meia-luz que dá encanto, poesia, beleza, a velhos panos de muro, a casebres esburacados, a montes de pedras que já não chegam a ter o geito de casas e que a mão dos alveneis ergueu no reinado de D. João I. O transeunte, embrulhado em treva, não pode ter uma rota, fixar previamente o itenerario. Rasga caminho. Para onde? Por vezes, corridos cem metros de rua, averigua-se que esta é um beco ou, então, que se enquadra em pateo. Observa-se — e dessa observação resulta sempre um fremito de revolta contra *isto*. Porque ali, nos quatro ou cinco tugurios que limitam o recinto, pouco maior que um caixote de boas dimensões, mora gente. A's vezes, no mesmo quarto — paredes que quasi se abraçam, tectos separados do chão de taboas carunchosas, por altura de um homem — amontoam-se três, seis pessoas. Repousam, em montão, numa promiscuidade que apavora, entrelaçados os corpos tão fortemente, que a respiração torna-se um misterio. A Mouraria, Alfama, bairros gemeos, unidos pelo cordão umbilical de vielas que vencem em *raid* aventuroso as poucas ruas da civilização que os procuram separar, são bafejadas pelo halito do demonio mas vivem na graça de Deus. Ao lado do cadastrado, o operario que os poucos ganhos forçaram a procurar ali abrigo; em quartos pegados, a costureirita humilde, violeta perfumada que mesmo em canteiros de lama não contacta com podridões, e a prostituta da ralé, a mulher que serve um mundo masculino todo vestido de farrapos no corpo e na alma.

* * *

A visita começára ha meia hora. Na meia obscuridade do bairro, cortada nesta e naquela quina pelo bruxulear do candieiro de petroleo dos prostibulos, recortou-se em semi-circulo uma chapada de luz violenta mas muito igual.

—Que será isto? — interrogou-nos Pio, bom companheiro que desejava a aquiescencia do grupo.

E entrámos. Um tunel comprido, humido, o solo viscoso a colar-nos as solas, que desembocava numa cave a servir de locanda. No balcão tosco, enfileiradas garrafas de má aguardente, o taberneiro, alto, reforçado, teve um alarme.

—*Gajos* finos, por ali, áquelas horas?

A concorrencia fez-se séria, tambem. A policia? Não, que ela não usa *gabardine*; antes um bando de excentricos em procura de coisas ineditas, impossiveis de haver na outra cidade. E restabelecida a serenidade, o tocador aproveitou o compasso de espera para afinar a guitarra, emquanto o vinho do termo aspero mas saboroso, humedecia as guelas dos que cantavam. Mordeu-nos o desejo de ouvir o fado com scenario proprio e, ao desejo apresentado, acederam rapidamente.

Era vê-los, então. Emquanto a guitarra se desfazia em lamentos, em arrepios de colera, em murmurios de resignação, o cantador, olhos fixando qualquer coisa que não se via, a boca a percorrer-lhe o rosto de sons e a tocá-lo de expressão, desfiava quadras. E tudo surgia nos maus versos. O pão, pouco e mau; as casas más, sem ar e sem higiene; a vida exaustiva do proletario, empenhado em dobrar o ferro, transformando-o em mil artefactos, a arrancar á pedra as asperezas que os felizes lançam no seu caminho e que lhes fazem sangrar os pés calejados, moidos duma marcha de dez seculos, feita numa vereda que se perde nas trevas da historia. Figuras de Gorky—que o homem pobre de Portugal tem a mesma idade de civilização e dôr do seu irmão da Russia — elas estancavam agora a sua vibratilidade de revoltados, só para absorver bem uma poesia de tecnica ruim, mas que era a verdade deles, a recriminação lançada pelo seu sentimento, a flôr desse baldio de cultura dificil que é o Povo. A testa em pregas, todos eles arrepanhavam o cabelo, as mãos contraindo os parietais, envolvendo-se em sonho, adormecendo sobre si mesmo.

Ficámo-nos, a um canto, ainda um quarto de hora. Que o cantador teve a sua critica, lançando-nos rimas em que acusava a sociedade de ter subtraído o fado, unica riqueza deles, para o levar das vielas para os salões, despindo-o de verdade, artificializando-o, colando-lhe a mascarilha de papelão de uma pobreza teatral, de estetica cuidada em todos os pormenores e que não é nada o que ali se via—Musa de taberna, embrulhada em farrapos, a mostrar pelos farpões as carnes deslavadas, cloroticas, sem sangue, por muitas serem as visitas que a fome lhe faz.

* * *

Desciamos, de novo, em busca das ruas medidas, equilibradas, coerentes, da Baixa. Partidas, uma a uma, as varas daquele feixe de vielas miseraveis—desenhadas por um casario que o tempo dispôz ao acaso e que é um museu, em que se descortina desde a habitação de israelistas, janelinhas estreitas em paredes amplas, aos azulejos velhinhos de quatrocentos anos, para ali ao abandono pelo desconhecimento do seu valor—eis-nos na Lisboa publica, de cara lavada e véstias passadas a ferro. Uma Mouraria e Alfama de genero diferente, porque aqui, ruas lavadas de ar, o céu, muito azul, a vêr-se bem, o vicio só não se vê com os olhos de toda a gente, porque devia pintar-se com perfeição e contar nos relogios das igrejas as horas do Diabo.—*S. P.*

O atentado da avenida Fontes Pereira de Melo

A policia averiguou já as responsabilidades do caso

Os agentes Reis e Monteiro, da 2.ª secção de investigação criminal, concluiram hoje as suas diligencias ácêrca do atentado de que ia sendo vitima o guarda 1:336, por ocasião do ultimo movimento grevista. Como o *Diario de Lisboa* então noticiou, aquele guarda estava de serviço na avenida Fontes Pereira de Melo, quando alguns desconhecidos arremessaram contra ele uma bomba, que o atingiu nas pernas. Um deles foi preso. Chama-se Raul da Conceição e está em tratamento no hospital de S. José, por ter ficado ferido ao lançar a bomba. Averiguou-se que o Raul da Conceição era o autor do atentado, motivo porque o respectivo processo segue ámanhã para juizo, onde aguardará que o bombista tenha alta do hospital.

Os Teatros

Atrás do reposteiro

Mantem-se grave o estado do empresario do Eden-Teatro, sr. Henrique Barreiros, que ontem foi acometido, pela terceira vez, de uma congestão.

—Foram contratados para a época de verão no S. Luis, o actor Gil Ferreira e a actriz Antonia Meades, recentemente desligados da companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

Não se confirma a noticia que esta companhia, no seu regresso do Brasil, para onde parte no sabado, tenha um novo teatro no Porto, onde deva exibir-se. Do seu elenco faz agora parte, como actriz, a esposa do actor Joaquim Almada, que foi aluna da Escola de Arte de Representar.

—Por não estarem concluidas as obras não pode inaugurar-se no Porto o novo Circo Royal.

—Da «tournée» ao Brasil da companhia Antonio d Macedo tambem farão parte o actor José Novaes e o ponto Jorge Ferreira.

—Na revista «Bichinha Gata», em ensaios no Aguia de Ouro, o actor Alvaro de Almeida fará os papeis de «Santo Antonio», «Condutor», «Barba Azul» e «Polka».

—Está já elaborado o programa do espectaculo que, em homenagem á gloriosa actriz Virginia, o nosso colega *Diario de Noticias* promove no dia 17, no teatro de S. Carlos, com o concurso de todos os artistas portugueses.

—Foi contratada para a companhia de revista do Terrasse, a gentil actriz Dina Pereira.

—A revista «Piparote», está sendo ensaiada, no Salão Foz, por Otelo de Carvalho e os bailados pela professora Encarnacion Fernandez.

—Fez-se hoje, no Nacional, com a presença de D. Branca de Gonta Colaço, a distribuição da primeira jornada, da sua peça «Auto dos Faroleiros».

—A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro deve estrear-se no Politeama, na segunda quinzena deste mês com a peça «Azas quebradas».

—A «première» da nova opereta de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, «Perola Negra», que sobe á scena em festa artistica de Luisa Satanela, está marcada para o proximo dia 18.

—No teatro Gil Vicente, á Graça, realiza hoje a sua festa artistica o actor Manuel Carvalho, com a representação do drama «João José».

—Ainda este mês, em S. Carlos, se devem realizar as festas de Berta de Bivar com a «première» de «Os Tubarões» e a de Joaquim Prata com a peça «Aventuras de Rafael».

—Na festa do actor Martins dos Santos, que no dia 17 se realisa no Salão Foz, será representado «O Fado», de Bento Mantua, que na festa da actriz Tina Coelho alcançou exito.

—E' na terça-feira, 18, que se realiza no Avenida a brilhante festa que a empreza Satanela-Amarante oferece aos felizes e espirituosos adaptadores da «Phi-Phi».

Quando armava o trono para a Semana Santa

caiu ao chão, ficando gravemente ferido, o sacristão da igreja de S. Nicolau

O sacristão da igreja de S. Nicolau, Lourenço Rodrigues, quando estava armando o trono para as festas da Semana Santa, perdeu o equilibrio, caindo desastradamente no lagedo da igreja. Sofreu um ferimento grave na cabeça, indo receber curativo ao posto da Cruz Vermelha, no Terreiro do Paço.

Dr. Egas Moniz

Encontra-se em Avanca, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. Egas Moniz.

A questão da Carris

O chefe do distrito foi procurado por uma comissão de pessoal da Carris para tratar da situação dos seus camaradas que foram demitidos após a ultima greve.

A regularização das touradas

Conferenciou hoje com o sr. governador civil o empresario da praça de touros do Campo Pequeno sobre o novo regulamento das corridas.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES | **A Cidade** | CRONICAS E ENTREVISTAS

OS "MASCARAS DE BRONZE"

A MORTE DO CAPITÃO VAQUINHAS

O sr. dr. Balbino Rego, sobre as impressões digitais dos supostos criminosos, descreve ao "Diario de Lisboa" como se teria perpetrado o assassinio

COMO JACKSON SMITH E UNS OLHOS VERDES SE ESCONDEM NO QUARTO DO CAPITÃO E "VÊEM" O BRAÇO DO "PROPONENTE"

Sr. director:

São três horas da noite quando lhe começo a escrever. Sou um homem sereno, nervos manietados no raciocinio, nunca empalideci, nem córei, nem chorei, nem senti a sensação do espanto ou da angustia.

As palavras para mim não têm côr, nem representam, nem descrevem. São ainda um sinal imperfeito, como define um grande poeta latino.

Mas hoje, não. Acabo de *vêr*, de seguir passo a passo o rasto dos criminosos; tenho impressa nos olhos, nitida, precisa, cromatica e alucinante, a morte do capitão Vaquinhas. Sei tudo! Tudo! Isto não se desfaz na minha memoria tão cedo. Matar um homem! Assistir impavido ao seu assassinio e não poder fazer um movimento de repulsa, correr em socorro, porque se está longe, porque dias, muitos dias, passaram já, depois daquela madrugada trágica de quinta feira!

A minha perspicacia é agora como um corpusculo de sangue que corresse nos cerebros dos criminosos. Assisto ao desenrolar da tragédia: as ideias perpassam lá dentro, no craneo, chocam-se, refervem, aparecem concisas e dão principio á acção. Como aquilo foi! E' de endoidecer! Ao ouvir a voz esclarecedora do sr. dr. Balbino Rego, director do Posto Antropometrico, pareceu-me que caira numa catalepsia horrivel, negra; que estava num caixão e que a minha familia me chorava á luz das tochas, na presença dum grande Crucifixo. E eu ali metido, sem movimento, vendo tudo, assistindo a tudo, sem poder ter um gesto que socorra o infeliz capitão.

São três horas da noite. Eu vejo, com a mesma luz de petroleo, o mesmo *Diario de Noticias* a servir de toalha á mesa, o capitão á paisana; o outro, o mais novo, com o seu sobretudo escuro; o *proponente*, forte, pescoço taurino, olhos de crime a faiscarem, gulosos da vitima... A grande paz da noite... Dois guardanapos; a garrafa da aguardente, um copo. E a scena começa.

* * *

Quem m'a contou? Sim, porque eu *não vi*, porque eu só *vejo agora*. E' o director do Posto Antropometrico, o sr. dr. Balbino do Rego.

Este homem espanta e alucina. E' aquele personagem do *Crime et Chatiment*, que investiga e revolve e saca a consciencia do criminoso, sempre sorrindo, sempre ironico.

Cabelos quasi cortados á escovinha, brancos e pretos, mais brancos do que pretos, umas mãos de pianista de dedos esguios. Mas a face são os olhos. Olhos verdes que queimam, que se prolongam, que atravessam as sombras e dão relevo ao drama. Os olhos representam-no, vivem-no, dão-lhe côr. Grandes, redondos, o verde da pupila a comer a cornea, a percorrer-nos a cara, a descer no precipicio da nossa alma... Ele sabe tudo. Como? Com dedos, com fotografias, com impressões digitais.

* * *

—Não parámos ainda. Após a lufa lufa das investigações, o Posto começou estudando.

Os seus olhos metem-se como dedos nos nossos, querendo arranca-los.

—Veja estas impressões digitais. São da garrafa, junto ao colo.

E com o dedo esguio, a dar relevo:

—Esta não é do capitão. Aqui ha duas mais sobrepostas. Outra, em cima... Aqui está a primeira fotografia, tal como foi tirada.

—E esta, com entalhes mais vivos?

—E' a segunda. Avivaram-se algumas bifurcações. Agora o copo, por onde os criminosos beberam a aguardente. Cá está outra impressão, que não é do Vaquinhas...

—Portanto duas. Pertencem á mesma mão? A duas mãos?

— Não sei.

— A impressão é do dedo anelar...

— Ou do anelar ou do mendinho.

— Uma pregunta...

Os olhos verdes estremeceram, senti-os pulsar, saír fóra das orbitas.

— O quê? O que é?

— O torneiro que esteve preso... As suas impressões digitais condizem com estas... E ficámos suspensos. Era a chave do crime? A mão a brandir o punhal, já com nome?

— Engana-se. Não condizem.

— E esta fotografia...

— E' a chaminé. Grandes sombras de dêdos como vê. Estas sombras levam-me a crêr que o candieiro foi aceso mais de uma vez.

— O criminoso...

Outra suspensão. Os olhos verdes caíram na parede, na parede vestida de retratos e de manchas de dedos, em fotografias.

— O grande Deus da policia é o acaso. Os empregados do Posto fixaram as impressões, estão folheando o arquivo...

— Vi-os lá fóra, com lentes... Se encontram?

* * *

Os olhos verdes amarraram-me na cadeira. Tinha alguem a meu lado que falava por vezes; o gabinete era interessante. Não sei, mas não me pude mexer, nem encarar nada. Os olhos verdes detinham-me, hipnotizavam-me, não era senhor do meu pensamento. Começava a estar muito longe... na casinha da Penha de França, no local do assassinio... Não são uns labios que dizem; são uns olhos, os verdes, que falaram:

— Vamos á psicologia do capitão Vaquinhas. Pouco culto, mas duma inteligencia muito viva. Sofreu dois grandes abalos morais: a morte da esposa e o falecimento da filha. Concentrado, franco, amigo de dar, pretante, serviçal... A solda!... O segredo da solda, era tudo na sua vida. Escapar-lhe o ponto material da descoberta até ao dia em que alguem lhe falou nisso.

— Vesperas de morte...

— Procura o primo uma vez, duas, não o encontra. Não importa; ele resolverá por si só o assunto... Começa a fantasia, mas eu *vejo* o crime.

***

Vamos leitor, entra com Jackson Smith e com o sr. dr. Balbino Rego no local do crime. Para a scena há três personagens. O capitão, o *apresentante* e o *proponente* da compra do segredo da solda. Conversam na descoberta.

Estão na sala de jantar. Ao fundo, há uma cadeira de verga... Sim há, e é importante a referencia. E' noite, meia noite talvez. A mesa tem um *Diario de Noticias*, com o titulo, muito nitido, a uma das cabeceiras. A garrafa, o copo largo, sem relevos nem moldagem. A aguardente vai diminuindo. Fuma-se muito, muito. A sala está cheia de fumo. O *proponente* esbraceja; as palpebras caiem pesadamente, num cansaço mole. Palavras desconexas; a lingua presa, entaramelada. Bebado? Fica a interrogação. A noite avança furtivamente; ninguem tem a noção da hora; no predio fez-se um silencio pesado. Tudo dorme. O *proponente* cai de borco sobre a mesa, ressona. Uma ultima golada de aguardente. Na garrafa ficou parte do liquido. O capitão bebia pouco, apenas um calice de licor, no fim do jantar. A sua face está muito pálida; o ar da manhã gela os vidros, repassa, circula levemente na casa.

—Vamo-nos! ciciou alguem. Voz mansa, perfida e acariciante.

—Coitado! Bebeu de mais. O capitão ajuda-me, pede o *apresentante*.

Aquele, mesmo á paisana, põe nos ombros a capa de oficial. Para levantar o *proponente* arrasta-se na cadeira... Alguem ouviu.

Saem os três. O trajecto é dificil; o bebedo não se sustem nas pernas, e a todo o momento tropeça. Dum lado o capitão; do outro, o *apresentante*, seguiam-no.

—O capitão! E se ele dormisse em sua casa? Assim é impossivel seguir...

—Pois sim.

Arrepiam caminho. Um despede-se. Chove.

—A'manhã de manhã tenho que ir para o trabalho... Desculpe-o, sim, sr. Vaquinhas?

Lá em cima o candieiro é aceso novamente. Vaquinhas, serviçal e bom, conduz o bebado até a cadeira de verga que está na casa de jantar e deita-o. Agasalha-lhe as pernas com a sua capa. «Quatro horas já! E' tarde!» A mancha amarela de luz, oleosa, que já não vence as sombras que se acumulam nos cantos, entra de diminuir. Ouve-se o crepitar da torcida, sem petroleo, rezinando á faúlha. O capitão apaga a luz e vai para o seu quarto. Adormece logo. Seria de estar pouco acostumado a beber? Narcotico? Horas tardias, reclamando sono?

Jackson Smith e os olhos verdes do dr. Balbino Rego escondem-se ao fundo do quarto. Que é isto? Onde estamos nós? Estes passos... aquela figura direita... A mancha lividia dos lençois põe branco na sombra. Mas então? Já não está bebado, nunca esteve. Direito, alto, musculoso, pescoço taurino, os olhos raiados de vermelho com betas de fogo, ele avança. Não poisa as mãos; os passos são amortecidos... O que é aquilo que ele traz na mão direita? Dois passos mais e está em frente do capitão, que dorme profundamente, corpo estendido na cama, á direita. Afasta-lhe a camisa, a camisola, ergue o braço a tomar força, segurando na mão um punhal.

Desce, desce vertiginosamente, embebe-se na carne, rasga feroz, quebra um osso, o pu-

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

NO TEATRO NACIONAL

A "PREMIÈRE" DE "OS TENORIOS"

peça em 3 actos de Ramada Curto

Faço a critica dos *Tenorios* com independencia, com aquela independencia que me dá a amizade de Ramada Curto, o autor.

A peça tem defeitos, tem muitos defeitos, mas, em minha opinião, é o melhor original português da temporada do teatro Garrett.

Vou fazer o comentario dos *Tenorios* como se aquele horrivel final do terceiro acto não existisse.

A peça não é de tese, nem tem scenas lancinantes onde a alma do espectador quebre e ajoelhe de emoção. Não, nada disto.

Simplicidade, ingenuidade e lirismo. Conflito simples, visto na vida, lido nos jornais, e nos livros. Os *Tenorios* não têm recorte francês, garra de dramaturgo celebre, tiros de pistola, ou tiradas longas e ocas. Tudo isto são qualidades. Que cada um beba pelo seu copo, mesmo que não seja de cristal. E' isto que representa valor no trabalho de Ramada Curto. E' isto que não se faz hoje.

O que são os *Tenorios*, afora o titulo que é mau, e a scena final, já se vê? Uma mulher meiga, aza crucificada a um casamento de acaso. Uma janela aberta, precipicio sobre a cidade e sobre a casa que lhe fica fronteira. O outro espera e espia que o marido a maltrate; ponha mais distancia entre a vida e o sonho que ela alberga na alma. Indicisa, sonhando, andando aos trambulhões com a realidade de ela não sabe que fazer, apesar da criada, caracteristica figura de Lisboa, lhe abrir o paraizo da vida, abrindo a janela para o outro, o Tenorio, Luís na peça, a ver. Ha então umas rosas, vermelhas e brancas, que um tio traz á rapariguita, duma quinta suburbana. Ela compõe-as nas jarras, beija-as sofrega, como irmãsitas sem pecado. São essas flôres que o marido mariola e estoura-vergas, dá a um amigo para que as leve a *quem sabe*. E' o ultimo golpe. Entrega-se ao amante sem o amar ainda. Só quando pressente que a sua vida vai florir noutra, o ama.

A fuga é o seu unico recurso para fugir ao marido que a persegue brutal numa furia voluptuosa. Ultimo acto. O amante não é quem ela sonhou. Teve-a por ter; abandona-a agora. A peça podia acabar aqui.

Como lêram, o assunto não é novo; basta ser lido todos os dias nos jornais para não apresentar já novidade. Mas Ramada Curto conseguiu dar-lhe lirismo, ternura, alma portuguesa. Aquilo é nosso e bem nosso. Todas as figuras estão bem traçadas, são caracteristicas. O tio da rapariga, encarnado maravilhosamente por José Ricardo, é um belo tipo de camponês, de meias grossas, alma terna e fresca como as couves do seu horto. A figura da criada, alcoviteira, meia moeda de ordenado, atirando a patrôa para os braços do amante, com a sua filosofia de senhora vizinha, marca e vive. Pode ser a criada Juliana do *Primo Basilio* voltada de pernas para o ar. Joaquim Costa, um de poucas letras, com o negocio liquidado, depois de fartos lucros, é tambem um tipo. O que há é falta de proporção entre o marido e o meio onde ele vive. E' demasiadamente fadistão, marialva, tem a calça esticada demais e bebe demais para o meio onde vive. Nunca a Mouraria se casou com a rua dos Fanqueiros. Aquilo choca; não está certo. No primeiro acto de mau ha duas saídas forçadas e a scena da janela quando a criada de contente bate palmas; no segundo, a figura inutil da viuva dum ferro-viario; no terceiro, o final.

Os *Tenorios* têm uma acção corrente, facil, agradavel. A peça é bem portuguesa, bem vivida de sentimento. As scenas são bem conduzidas, sem grandes tiradas. Cada personagem fala a linguagem da sua alma. Muito bem dialogada a scena em que a rapariga, escutando o que o tio lhe diz, compreende a grandesa da maternidade. Muito bem feita, sem grandes frases, mas com muita ternura, a fala da rapariga com Tenorio, em que lhe confessa que vai ser mãe.

Vamos ao final do ultimo acto. Não acredito que um homem que escreve uma peça como aquela não faça, porque não sabe, um fecho preciso, concludente, sintetico. Ramada Curto quiz arranjar um final que não fosse aquele que todos os dias vemos na ribalta, mas não o conseguiu. Aquilo é impreciso, deixa o espectador banzado porque não sabe onde o autor quiz chegar. Modificada a scena com um artista que não fosse Luís Pinto, os *Tenorios* seriam uma boa peça. Todo o desempenho foi razoavel. Laura Hirsch carregou um pouco no papel; Clemente Pinto, tambem. Melhores: José Ricardo e Irene Grave. Os scenarios são maus. O do segundo acto tem nuvens que lembram granadas explodindo.

A. P.

RÊVE DE NINON

MODAS E CONFECÇÕES

ENXOVAIS PARA NOIVAS E CRIANÇAS. ESPECIALIDADE EM LUTOS. CHAPEUS SEGUNDO OS ULTIMOS MODELOS. EXPOSIÇÃO PERMANENTE NAS MAGNIFICAS SALAS DE VENDA

Tel. N. 738 **MIRANDA & MACIEIRA, L.DA**

INSTITUTO DE BELEZA

LAVAGEM E PINTURA DE CABELO, ONDULAÇÃO Á MARCEL, MANUCURE, PEDICURE, MASSAGEM ELECTRICA E MANUAL, LABORATORIO E PRODUTOS DE BELEZA

RUA DO SALITRE, 106-1.º Tel. N. 738

SABÃO BELGA

AROMATICO

Tendo chegado nova remessa deste acreditado produto, que serve para toda a lavagem de roupa, incluindo lãs e sedas, toilete e banhos, e que vendemos ao preço de **12$00** cada caixa de 5 quilos e que para a provincia acresce $60 para portes, aceitam-se pedidos á **Comissionaria**, Calçada do Garcia, 13, 1.º.—Lisboa.

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o pais e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO —SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

ELECTRICIDADE PORTATIL

Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

LE COMMERCE INTERNATIONAL D'IMPORTATION ET EXPORTATION, L.de

17, Largo da Biblioteca

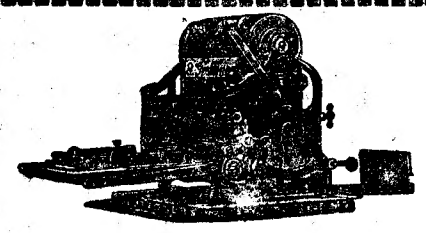
Tel. C. 832 LISBOA

CONSERVAS, VINHOS, NOVIDADES PARA SENHORAS

REPRESENTANTES EM

Anvers
Praga
Genova
Salonica
Pyreu
Smyrne
Alexandria
Beyrouth
Burgas
Constantinopla
Helsingfort
Dantzig
Bordeus
Berlim

O «Diario de Lisboa» vende-se em Paris na «Portugaise Publicité», Boulevard Magenta, 30.



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR

RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner

70 cópias por minuto

pode ser nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —

Rua da Conceição, 125, 4.º

LISBOA Telefone C. 320 LISBOA

EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL, L.DA

292, RUA AUREA

TEL. C. 854

Representantes da fabrica:

KIRCHNER

maquinas para trabalhar madeira

EM ARMAZENS

E A CHEGAR Á ALFANDEGA

grande quantidade destas maquinas

GARANTIA

CAPITAL REALIZADO 1:000 CONTOS
Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1920 Esc. 7.973.798$76,3

SEGUROS DE VIDA em todas as suas combinações entre os quais os vantajosos seguros.

FAMILIAR (seguro de capital e pensão) e MIXTO DE CAPITAL DUPLO (que duplica o capital em caso de sobrevivencia)

Seguros terrestres, maritimos, agricolas e de automoveis

COMPANHIA DE SEGUROS fundada em 1853 com sede no Porto (edificio proprio)

Agentes em Lisboa, Coimbra, Faro, Santarem, Olhão e Portimão

José Henriques Totta, Ltd. (banqueiros) EM LISBOA, tel. 533, 1599, 4078, 4152 e 4153

AGENCIA GERAL DE ANGOLA

(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.º 16, de 19 de Maio de 1921)

SÉDE—RUA DA MADALENA, N.º 237, 1.º ANDAR—LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557

OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTES:— Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com emprestimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.

Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE GENOVA

QUE RESULTADOS TERÁ A REUNIÃO DE GENOVA?

Segundo o jornal de Londres "Westminster Gazette"

devem ser bastante vantajosos

GENOVA, 12

A «Westminster Gazette», de Londres confia em que os resultados da Conferencia de Genova sejam melhores que o seu programa e diz que já se avançou muito, pois de hoje em diante a Europa deixou de ser exclusivamente o campo de operações dos aliados.—(R.)

Rathenau e as reparações

GENOVA, 12

Segundo diz a agencia Havas, Rathenau, delegado alemão, procurou ontem levar as nações aliadas a tomarem a iniciativa de invocar o problema das reparações na Conferencia, em consequencia do pagamento que a Alemanha tem que efectuar no fim de maio e ao qual se declarou desde já incapaz de fazer face. Como era de supôr, Rathenau não foi apoiado.—(H.)

Os negocios russos

GENOVA, 12

A comissão encarregada dos negocios russos reuniu-se, mas adiou-se para quinta feira, a fim de dar tempo a Tchitcherine estudar o relatorio dos peritos aliados.—(H.)

A guerra civil

Vai declarar-se na China?

MUKDEN, 12

Anunciam-se grandes movimentos de tropas, julgando-se inevitavel a guerra civil. O gabinete de Pekin, de acordo com o marechal Chan-Tse, mobilizou 50.000 homens que vai enviar contra as forças do sul.—(U. P.)

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos

curam-se com fermento d'uvas

Formosinho

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

LISBOA

Ludovice, Limitada

Comissões e Consignações

Agentes de vendas para a provincia dos productos da Academia Scientifica de Belesa

R. da Madalena, 36, 2.º — Tel. C. 3379

Secção Fiscal

Pagamento de contribuições — Reclamações sobre todas as contribuições directas do Estado e das Camaras Municipais, incluindo as sobre avaliações de predios, sobre gremios industriais, cessação de industrias, etc., e respectivos recursos em todos os tribunais—Certidões em todas as repartições publicas — Recursos e mais actos sobre transgressões dos regulamentos fiscais, etc., etc.

SÉDE DO "DIARIO DE LISBOA"

Rua Luz Soriano, 48

A 2.ª SESSÃO DA CONFERENCIA

Palavras, palavras...

A França e as declarações de Tchitcherine

O delegado italiano no seu discurso de abertura da Conferencia de Genova manifestou o desejo de que esta fosse animada do mesmo espirito largo e franco que reinou em Washington.

Os sucessos vão indicando um caminho exactamente contrario. Logo no primeiro dia se declararam os sentimentos hostis que animaram os varios delegados ali reunidos. O segundo dia de reunião foi o prolongamento das hostilidades do primeiro.

Barthou continuou a impôr a sua intransigencia; Lloyd George fez um discurso ironico a Tchitcherine; Tchitcherine não obteve a palavra para explicar as suas palavras, origem do incidente.

Isto dá a impressão do espirito que domina a conferencia, bem diferente do entusiasmo e franqueza que dominaram desde as primeiras palavras pronunciadas em Washington. Mas ha ainda outra diferença capital:

A America ao dizer «convocamos esta conferencia de desarmamento» poude acrescentar logo «e aqui está o programa que julgamos util submeter á vossa aprovação.» Entrou-se logo no assunto, havia um objectivo definido, salvo disposições secundarias; no primeiro dia de Washington todos ficaram inteirados do que iam fazer. Por isso a conferencia foi o maior exito de reuniões internacionais.

Agora foi convocada uma Conferencia com objectivo muito mais complexo; pediram-se alguns meses de adiamento para estudar os problemas; a Conferencia abriu, passaram dois dias, e até agora só se ouviram discursos de frases vagas e gerais, quando muito filosoficas, que nada representam no dominio dos factos. Acção realizada há só uma: incidentes e palavras hostis que provocam e acentuam o espirito inimigo de que alguns já iam animados.

* * *

A Conferencia de Genova não abriu nem estará nunca dominada por aquele largo espirito de tolerancia; desejo de amisade e interesse geral que a America soube imprimir e fazer predominar em Washington? Não; a Conferencia de Genova vai assemelhar-se muito a uma outra Conferencia europeia que foi a maior derrota da Europa: a Conferencia da Paz.

A mesma ausencia de plano definido logo de entrada, os mesmos trabalhos vagos de comissões tecnicas, os mesmos interesses nacionais a debaterem-se sem cuidarem do interesse geral. Os espiritos não desarmaram ainda; em Genova há amigos e inimigos. O que falta em Genova é um idealista candido, para ser logrado pelos interesses de todos os outros; em Genova não há um presidente Wilson.

* * *

Em compensação há criaturas que lutam pelos interesses das suas nações e felizmente os interesses de muitas delas, da maior parte delas, são os mesmos: derrubar os obstaculos que se opõem ao livre cambio, de natureza moral e material. E será isto que virá talvez salvar a Conferencia.

Lloyd George e Poincaré conversaram na passagem daquele por Paris. A comitiva de Lloyd George estava nervosa durante a conversação; só Lloyd George sorria. Mas quando Poincaré retirou, a comitiva começou comentando denodadamente e Lloyd George deixara de sorrir.

Não se sabe o que disse Poincaré, mas é de crêr que ameaçasse Lloyd George com a retirada da França da Conferencia. E' aqui que devemos procurar o segredo da ausencia daquele programa uno que Lloyd George devia levar á conferencia e apresentar logo de entrada, segundo era voz corrente.

O ministro britanico, para não provocar a ruptura com a França logo de entrada, deixa correr os acontecimentos, deixa trabalhar as comissões, fala ironicamente a Tchitcherine, mostra-se amavel com os delegados francezes, tudo isto sem se comprometer por qualquer maneira a abandonar seja o que fôr das suas intenções, que vai guardando cuidadosamente para as lançar no momento oportuno.

A resistencia de Poincaré e da França não lhe permite lançar de frente o seu programa; mas Lloyd George é um finissimo homem politico e homem pratico que não deixa a causa pela sombra; bem sabe como ha de guiar as conversações de Genova para alcançar os seus fins: A Inglaterra foi a unica nação que, devido a esse espirito pratico, recebeu verdadeiras reparações da Alemanha, sem dificuldades de maior; aos outros, deixou Lloyd George as grandes quantias que deviam vir de onde não existiam...

Melhor conseguirá os seus objectivos em Genova onde tem a seu favor muitas nações, poderosas e fracas.

DEPURATOL

dispensa...

...o uso das classicas injecções hipodermicas ou intra-venosas (606, 914 e de todas as outras substancias antigas ou modernas (**qualquer que elas sejam**), sempre dolorosas incomodativas e nem sempre isentas de grandes perigos, as repugnantes fricções mercuriais e os mais tratamentos usados no combate da sifilis. O DEPURATOL **só por si** constitue o tratamento mais completo desta perigosissima e contagiosa doença.

Durante o uso...

deste notavel preparado não se deve usar de qualquer outro tratamento anti-sifilitico, não só porque essa acumulação poderia trazer inconvenientes, mas tambem porque é necessario aos doentes reconhecer os beneficios do DEPURATOL—produto eficaz e inofensivo em todo os casos!—beneficios estes que, a não ser assim, poderiam erradamente ser atribuidos a qualquer outro tratamento.

Exijam no acto da compra do DEPURATOL o interessante livrinho gratuito: **Perigos da Sifilis e Instruções.** Pedidos em LISBOA, na Farmacia J. Nobre, Rocio, 109, e no Porto, na Farmacia dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 42, e nas provincias nos seus depositos. Preços: 1 tubo, 3$85, 6 tubos, 21$50. Pelo correio, porte gratis.

Restaurant Frade & C.ª

34 — Rua da Horta Seca — 38

COM TODOS OS REQUISITOS de higiene e bom gosto, abre ámanhã ao publico da capital um novo restaurante. Está situado na rua da Horta Seca, proximo do Largo de Camões. Dispõe de magnificas salas e gabinetes, com bastantes confortos e de uma das mais asseadas cozinhas.

Póde dizer-se que é dos melhores estabelecimentos no genero com que Lisboa acaba de ser dotada.

O mestre de cozinha é eximio na arte culinaria.

Laboratorios de Farmacia

Instituto Pasteur de Lisboa

◂LYOL▸

(Topico oxygenado)

CURA:

FERIDAS — ULCERAS

FURUNCULOS

ERUPÇÕES DE PELE

FARMACIAS:

LISBOA — R. N. do Almada, 83

PORTO — R. dos Clerigos, 36

DE LONDRES

O PAPA BENTO XI E A POLITICA DOS ALIADOS

A mensagem de Sua Santidade ao arcebispo de Genova

é criticada pelo jornal "The Times"

LONDRES, 12

O redactor principal do **Times** *escreve de Genova dizendo que a carta do Papa ao arcebispo de Genova causou uma impressão penosa em certos circulos pois se considera que ela aceita o ponto de vista alemão, parecendo ao mesmo tempo mostrar a identidade de esforços do Papa e do governo italiano.*

O Temps *tambem deplora a mensagem do Papa aconselhando a revisão do tratado de paz e das reparações apezar do Papa dever estar bem ao facto de que a França se recusa a qualquer revisão no seu proprio interesse e tambem no da Polonia e da Belgica, que são filhos muito amados da Igreja catolica.—(R.)*

O "ultimatum" turco não é aceite —O que se irá passar?

LONDRES, 12

O quartel general grego na Asia Menor recusou-se a aceitar as contra-propostas turcas para o armisticio e que envolveria a evacuação do exercito grego no praso de 15 dias de certos territorios ocupados.

Estas contra propostas serão examinadas em Londres, Paris e Roma.—(U. P.)

Guerra Junqueiro

irá ao Brasil?

RIO DE JANEIRO, 12.

A Academia Brasileira convidou Guerra Junqueiro a visitar o Brasil por ocasião do centenario.—(H.)

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS

para todas as

LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais $15 para registo

Telefone: I:020 — CENTRAL

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51 — LISBOA

CARVÃO VEGETAL-COKE E BRIQUETES

TELEFONE C. 4119

VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS

FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.º

RUA da COSTA 8, LISBOA

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

UM MORTO ILUSTRE

QUEM ERA O SR. DR. JULIO DE MATOS — A SUA OBRA

O funeral realisa-se ámanhã ás 15 horas

Realisa-se ámanhã, ás 15 horas, para o cemiterio do Alto de S. João, o funeral do dr. Julio de Matos. Com a morte do grande psiquiatra desaparece uma das mais altas figuras da sciencia portuguesa. O medico distintissimo que faleceu esta madrugada foi o continuador da obra do professor Sena, a quem se deve a construção do Hospital do Conde de Ferreira, do Porto. Este ilustre psiquiatra pertenceu ao corpo docente da Faculdade de Medicina de Coimbra, onde fez parte do celebre curso de que sairam os professores Augusto Rocha, Daniel de Matos, Matoso dos Santos e Urbino de Freitas, sendo o dr. Sena o mais classificado do seu curso. Foi ele o director scientifico do dr. Julio de Matos e talvez o seu melhor amigo. O distintissimo alienista que acaba de desaparecer tinha muitas vezes palavras de justiça e de saudade para a memoria do criador da psiquiatria em Portugal.

O dr. Julio de Matos foi o autor do primeiro tratado de psiquiatria escrito em lingua portuguesa, que viu a luz da publicidade por volta de 1890, com o titulo «Manual de doenças mentais». Era um escritor vernáculo, de uma grande limpidez e clareza de linguagem, que sabia impôr-se aos seus leitores, como na catedra soube sempre insinuar-se aos seus ouvintes. Os assuntos mais complexos de psicologia e psiquiatria eram expostos pelo dr. Julio de Matos de forma a torna-los perceptiveis dos menos versados naquelas dificeis sciencias. O ilustre alienista tinha o segredo de pôr em equação, com um poder de sintese admiravel e uma extraordinaria precisão de termos, os problemas mais complexos da mentalidade normal ou patologica.

Basta lêr as suas esplendidas monografias sôbre a *Paranoia* e a *Loucura*—a ultima editada no Rio de Janeiro. São tambem admiraveis de precisão e de clareza os 4 volumes que publicou com o titulo «Os alienados nos tribunais». Ultimamente, deu á estampa uma 2.ª edição do «Manual de doenças mentais», com o titulo «Elementos de psiquiatria». E' interessante constatar a evolução que o seu espirito fez duma para outra obra. A psiquiatria não é dos ramos de medicina em que se tenham feito mais progressos reais, mas é daqueles em que a evolução mais se tem marcado em novas concepções, novas classificações e orientações diversas. De sorte que se pode considerar um corpo de doutrina em transformação constante, que os estudiosos têm de acompanhar.

O dr. Julio de Matos, sobre ser um alto espirito de homem de sciencia, era um grande cultor da palavra escrita e falada. As suas perlecções marcaram e os seus alunos hão de lembrar-se sempre delas com saudade. Era, ao mesmo tempo, um escritor elegante, duma elegancia sóbria e vernacula. A revista de filosofia «O Positivismo», que dirigiu de colaboração com Teofilo Braga, as suas traduções das obras de Garofalo e Spencer e a interessante «plaquette» sobre o caso Calmon mostram outras tantas facetas do seu espirito complexo e ávido de cultura.

O dr. Julio de Matos tambem foi politico, mas foi-o no elevado conceito da defesa de ideias, nas horas de adversidade, quando a propaganda republicana começava tomando vulto. Ultimamente, acabrunhado pelos desgostos que a marcha dos sucessos politicos lhe provocou, quasi não consentia que lhe falassem em assuntos desta ordem. Solicitado varias vezes para ministro e até segundo cremos, para presidente de ministerio, recusou-se sempre a ocupar esses cargos. De há muito vinha sofrendo, mas nada fazia supôr que tão cedo fosse vitimado pela tuberculose, que parecia ter tomado uma forma torpida, por ventura compativel com uma prolongada existencia. Deixa um logar insubstituivel na sciencia psiquiatrica portuguesa e lega aos vindouros uma obra que há de ser sempre respeitada,

O seu cadaver foi exposto numa saleta da sua residencia, no Manicomio Bombarda, onde foi visitado, durante o dia, por quasi todos os professores da Faculdade de Medicina e por muitos alunos. Amanhã, é velado pelos seguintes turnos: das 9 ás 10, pessoal da Faculdade de Medicina; das 10 ás 12, estudantes de medicina; das 12 ás 13, segundos assistentes da Faculdade; das 13 ás 14, primeiros assistentes; das 14 ás 15, professores.

A TARDE POLITICA

Não será o sr. dr. José Domingues dos Santos o sucessor do sr. Antonio Maria da Silva

O outubrismo e a politica--Os oficiais da G. N. R. do Porto

O "Diario de Lisboa" entrevista o sr. dr. José Domingues dos Santos

Esta manhã, o *corso* politico do sr. dr. José Domingues dos Santos, democratico do Norte—e isto se diz porque os do Sul marcam diferença,—foi no passeio da estação do Rocio. Acompanhava o politico, — ele nos disse para retardar cinco minutos a entrevista — o sr. general Sousa Rosa, á paisana. Era uma conferencia politica.

Depois os dois, o jornalista e o sr. dr. José Domingues dos Santos, com passadas curtas que iam da praça dos *side-cars* até á casa dos brinquedos e voltavam, foram erguendo a entrevista, neste dialogo curto, estilhaçado de reticencias, que é costume cá na casa.

—Vem para falar no Parlamento, não? A divergencia...

—Não venho falar no Parlamento. Requeri uma licença de sessenta dias...

—Que não é por doença...

—Que é para marcar uma atitude...

—Questões internas no Partido...

—Sim, questões internas...

—Que se resolverão...

—Não na Camara.

—No Congresso.

—Exacto.

—Ora diga: trata-se realmente duma divergencia?

—Não. Quando estalou em Lisboa a revolução outubrista, tambem no Porto estava para aparecer uma *camionette* fantastica, guiada por um sargento de marinha... E, teriamos hoje a contar mais alguns assassinios se não fôssem determinados oficiais da guarda republicana...

—Revelação grave, sr. doutor.

—Esses oficiais impediram os crimes que se preparavam, prestaram optimos serviços e...

—E?

—Foram afastados... Logo que se organizou o primeiro governo constitucional pedi o seu regresso ás unidades. O pedido não foi atendido...

—Depois do sr. coronel Coelho, houve outros governos.

—Que fizeram a mesma coisa.

—O sr. Antonio Maria da Silva subiu ao poder...

—E eu pedi e o pedido não foi satisfeito e pedi então licença de sessenta dias na Camara dos Deputados, para marcar uma atitude...

—Porque não falou...

—Não quiz criar embaraços ao governo. Dissemos:

—Mas não acha, que era necessario aplacar uns e outros...

—Não! O outubrismo não teve nem ideal nem fins... No Porto ninguem concordou com ele... Sim, existe uma corrente, mas pequena... Não é como em Lisboa. Aqui é mais aceite.

—V. Ex.ª combateu-o...

—Absolutamente. Combate-lo-nei sempre. Não transigirei...

—Ha por vezes em Lisboa a impressão...

—Diga... que sou revolucionario, não é?

—Assim o disse V. Ex.ª, e muito bem...

—E' um engano. Gosto de definir a minha atitude claramente. Combater... Tenho um jornal, a tribuna—tribuna parlamentar—a imprensa.

—Essa sua ideia do congresso se reunir fora de Lisboa...

—Toda a minha politica de então se fez dentro de formulas pacificas. Nada de revoluções. No proximo congresso partidario proporei e defenderei a luta politica, mas sem uma unica revolução... Hão de acabar os movimentos.

—Deus o ouça, diria aqui o nosso Zé Povinho.

Passou o sr. dr. Eduardo de Sousa agarrado ao seu eterno charuto. Conversa a meia voz:

—O que me diz! O que me diz...

—Que lhe hei de dizer?... Vá p'ro «Italia» que já lá vou ter, indicou o sr. dr. Domingues dos Santos, com uma fisionomia de quem tem muito que dizer.

—O que pensa da situação politica dos ultimos meses... Principalmente, governo Silva... Falta de acção...

—Sim... Talvez... Mas creia que isso está bem como tese. Este governo, como qualquer outro, teria que enfrentar a instabilidade politica, as questões que reinam nos partidos... De quem é a culpa?

—Esclareça-nos...

—Do outubrismo. Mesmo esta minha questão não existiria se não fosse o 19 de outubro...

Tornámos, não vencidos:

—Então, o governo, o governo...

—Tem homens de valor...

Pouco mais adeantou o sr. dr. José Domingues dos Santos. Pregunta com intuitos:

—Com que condições entraria num governo... Ha tempos recusou uma pasta...

—Com nenhumas. A minha vida particular não o permite...

—Mas hoje um jornal da manhã aponta-o como sucessor do sr. Antonio Maria da Silva...

—Balões de ensaio, acredite. Durante quatro anos tive uma vida intensa de politica... Gastei muito. Perdi a minha clientela de advogado que estou agora a recompor... Não! Não irei!

AMENDOAS

Visitem a mais linda exposição na

PEROLA DA CHINA

Rua da Palma, 123 a 139

Telefone, 4181 N.

Grande profusão de luz

Pessoal atencioso e delicado

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Banco de Portugal

Assembléa geral extraordinaria

Não tendo podido realizar-se a Assembléa geral extraordinaria, que fôra anunciada para 10 do corrente mês, por falta de numero, é novamente convocada a mesma Assembléa, na conformidade do art.º 90.º dos Estatutos, para o dia 18 de Abril corrente, pelas 14 horas (2 horas da tarde), no edificio do Banco e para o fim da anterior convocação, vista a urgencia e a resolução do Governo em decreto n.º 8:100 nesta data publicado no «Diario do Governo».

Secretaria da Assembléa Geral do Banco de Portugal, em 11 de Abril de 1922.

O secretario

Manuel de Campos Ferreira Lima.

A VISÃO DO CRIME

COMO FOI ASSASSINADO O CAPITÃO LUÍS VAQUINHAS

Continuação do artigo da quinta pagina

nhal não se detem... e a lamina corta a aorta. A morte foi rapida.

O capitão ainda teve o gesto instintivo de levar a mão á ferida, mas os dedos não chegaram lá.

Vi isto; os olhos verdes tambem viram... E o outro, o *apresentante*? Teria ficado na escada? Entraria depois de praticado o crime?

Os dois remexem a roupa do capitão? Ou tiraria um só as cruzetas do guarda fato, arremeçando-as para o leito do morto?

* * *

São quatro horas da madrugada, sr. director. A minha retina guarda a visão do crime: uma mancha de sangue, grande poça de sangue com uma figura forte, brutal e rude.

Desapareceram as paredes do meu gabinete, estou ainda em casa do capitão.

Que é isto? Onde estou? Acordei. O que me aconteceu? A minha memoria reaparece; volto de longe, precisam-se as scenas. Mas eu assisti a tudo, a tudo e, por um estranho fenomeno, caí num sono catapletico, vindo através das palpebras. Não pude impedir o crime, fazer um gesto, atalhar a mão assassina. Aquele rosto! E a luz do candieiro tão amarela, tão triste, a pressentir desgraça! Depois a poça de sangue, a mancha de sangue... Salpicos de sangue...

E os olhos verdes? Estão aqui. Quem se está despedindo de mim, no seu gabinete, é o sr. dr. Balbino do Rego, que sorri amavel num cumprimento para o seu jornal, sr. director.

A travessia aerea do Atlantico

DEVE PROSSEGUIR ÁMANHÃ

No ministerio da Marinha recebeu-se comunicação de que o cruzador «Republica» deve chegar hoje á noite, ou ámanhã de manhã aos rochedos de S. Pedro e S. Paulo, donde informará o «Lusitania» sobre as condições atmosfericas. Se o tempo o permitir, conforme o «Diario de Lisboa» noticiou, o hidro-avião deve largar ámanhã de Cabo Verde.

A espectativa no Brasil

RIO DE JANEIRO, 12.

As colonias portuguesas de todas as cidades do Brasil estão activando os preparativos das demonstrações de regosijo, pela proxima vitória da travessia aerea do Atlantico, com o auxilio dos mais distintos elementos nacionais e das autoridades locais. Em todos os pontos é grande o desejo de informações ácerca da chegada a Fernando Noronha dos heroicos oficiais que viajam no «Lusitania».—(A).

Dos funcionarios e pessoal contratado que presta serviço no Comissariado dos Abastecimentos recebemos três senhas para um bodo que será oferecido a 100 pobres, no edificio do largo Trindade Coelho, no dia em que seja conhecida oficialmente a noticia da chegada do hidro-avião português a Fernando Noronha. Agradecemos em nome dos pobres contemplados.

—O pessoal maior da Estação Central Telegrafica e o pessoal da Estação do Cabo Submarino de Lisboa resolveram tambem celebrar a chegada dos aviadores a Fernando Noronha, lançando uma salva de 21 morteiros e distribuindo esmolas a 50 pobres protegidos pelos principais jornais de Lisboa. O seu gesto só merece palavras de louvor,

A greve mobiliaria

Uma comissão de grevistas da industria mobiliaria procurou, hoje, o sr. presidente do ministerio, a fim de solicitar a sua interferencia. no sentido de se conseguir a rapida solução da greve.

O caso da Exploração do Porto de Lisboa

Publicaremos ámanhã uma nota da direcção da Associação dos Funcionarios do Porto de Lisboa, que recebemos esta tarde.